



Descartes: da dúvida hiperbólica aos limites do conhecimento - introdução

Por: Felini de Souza¹

felini_92@hotmail.com

Resumo

O período moderno foi marcado pelo rompimento com a tradições, nas ciências, nas artes e, também, na filosofia. Descartes inaugura o período moderno trazendo sua dúvida hiperbólica, colocando tudo em dúvida para a partir daí encontrar novas certezas, que ao passar pelo seu método se tornariam indubitáveis. Questionando a própria existência, a existência das coisas corpóreas e nos levando a pensar que tudo isso não passaria de um sonho, Descartes nos leva a refletir sobre os limites do conhecimento humano, e sobre nossa finitude ao buscar quais ideias seriam claras e distintas. Distancia-se, então, a razão humana de uma divinização em voga até sua época. A obra as meditações marca este processo, onde paramos de perguntar o que existe para perguntar o que podemos conhecer, uma transição da ontologia para a teoria do conhecimento. Dentro do texto está presente os principais pontos levantados por René Descartes, como o cogito, a existência de Deus e a relação corpo e alma, principais pilares de sua filosofia.

Palavras-chaves: Dúvida hiperbólica; Cogito; Descartes; Teoria do conhecimento.

Resumo

La Moderna Periodo estis markita de paŭzo kun tradicio, la sciencoj, la artoj kaj ankaŭ en filozofio. Descartes inaŭguras la Modernan Periodon alportante lian dubon hiperbolan, metante ĉiun en dubo de tie trovi novajn certecojn, ke trairu liajn metodo igus senduban. Pridubante la ekzisto, la ekzisto de korpaj aferoj kaj kondukante nin al pensi ke ĉiuj ĉi estus nenio krom sonĝo, Descartes kondukas nin al pripensi sur la limoj de la homa kono, kaj sur niaj finieco serĉi ideojn kiujn estus klara kaj distinga. Distanco estas tiam homa kialo estas diigo modajn ĝis sia tempo. La laboro markas la meditoj tiu procezo, kie ni haltis por demandi kion oni devas demandi kion ni povas scii, transiron de ontologion por la teorio de scio. Ene de la teksto prezentas la ĉefajn punktojn levitaj de René Descartes, la cogito kiel la ekzisto de Dio kaj la rilato korpo kaj animo, la ĉefaj kolonoj de lia filozofio.

Ŝlosilvortoj: Hiperbola dubo; Cogito; Descartes; Teorio de scio.

Abstract

The modern period was marked by rupture of the traditions, in science, in art as well as in philosophy. Descartes inaugurated the modern era with his hyperbolic doubt; absolutely everything is questioned with the purpose of finding new certainties that will be

¹ É mestrande em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. É Coordenadora do Projeto de Extensão “Projeto radiofônico ‘Fala Filosofia’” e Coordenadora do Projeto de Extensão “Justiça e Democracia”.



examined with his method to make them indubitable. Questioning his own existence, existence of tangible things and making us think that everything is nothing but a dream. Descartes invites us to think about limits of human knowledge and about our finitude when he is looking for clear and distinct ideas. The human reason ceases, then, to be so divinized, what was ordinary in modern period. Meditations of Descartes marks this process in which we stop asking about the existence and we start asking what about possibilities of knowledge, a transition from ontology to epistemology. In this text is present the main points of René Descartes' philosophy, the pillars of his philosophy.

Key-words: *Hyperbolic doubt; Cogito; Descartes, Epistemology*

Introdução

Ocorreram inúmeras mudanças na forma de pensar no período moderno. Do medieval ao moderno, passamos de uma divinização para uma humanização da razão. Reconhecendo limites humanos para a conhecimento humano. Esta, então, passa a ser a nova questão. Ao invés de perguntar o que existe, passaram a perguntar o que é possível conhecer. Apenas tendo noção do que é possível conhecer é que podemos determinar aquilo que existe.

Toda esta mudança na forma de pensar estava associada as mudanças que estavam ocorrendo na época. Novas descobertas em diferentes áreas, tanto nas ciências, nas artes e na filosofia. Tais descobertas fizeram cair por terra antigas certezas, tornando elas duvidosas. Sendo assim era necessário revisar os conhecimentos tidos como indubitáveis até o presente momento, averiguando a possibilidade de construir a partir deles novas certezas. Este foi o pensamento do, filósofo francês, René Descartes, considerado o fundador da filosofia moderna.

Em sua obra *Meditações* (1641), Descartes concebe o método da dúvida hiperbólica. A dúvida hiperbólica trata de duvidar de todas as crenças, inclusive aquelas mais enraizadas em nós, assim como considerar falso tudo aquilo que possa nos colocar dúvida. Essa metodologia propõe que só conseguimos um conhecimento verdadeiro, tendo como base certezas indubitáveis. Pois, Descartes tenta fazer uma cadeia de razões, onde as verdades terão como partida a primeira verdade: “[...] desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente desde os fundamentos, se quisesse estabelecer algo de firme e de constante nas ciências. (DESCARTES, p.85, 1979).

A proposta de Descartes, então, é colocar tudo em dúvida - não esquecendo que esse era um artifício metodológico usado pelo filósofo, para testar quais verdades resistiriam a dúvida metódica. Colocar em dúvida, inclusive, se existe um mundo fora dos nossos pensamentos, e, a sua própria existência.



Da dúvida às primeiras certezas

Na primeira meditação, Descartes, não se preocupa em estabelecer verdades. Se ocupa, apenas, de se desfazer de antigas crenças duvidosas. Entre outras certezas colocadas em dúvida pelo filósofo está o questionamento quanto a certeza de que estamos de fato acordados, ou, se tudo o que estamos vivenciando no presente momento não passa de um sonho. Em nossos sonhos temos, tal qual na vigília, os objetos, as ações, as cores. O que nos garantiria que tudo isso não passa de um sonho?

Porém, para imaginar alguma coisa no sonho, assim como em uma pintura, é preciso que ela exista. Esta imaginação nada mais é do que uma representação. Os pintores representam em suas obras coisas existentes, e mesmo quando retratam seres mitológicos utilizam de misturas de coisas existentes. Por exemplo, quando penso em um centauro, concebo como uma mistura de um humano e de um cavalo. O centauro pode não existir, porém existem as representações do cavalo e do humano. Mesmo quando a intenção do artista é criar algo extraordinariamente novo, algo de existente deverá haver em sua obra, nem que sejam as cores utilizadas.

Em sua obra anterior, *Discurso do método*, Descartes apresenta a verdade “Penso, logo existo”. Modificada para “eu sou, eu existo” na obra *Meditações*. Estas sentenças significam que, simplesmente pelo fato de pensar eu consigo provar minha existência. A diferença principal entre as expressões “Penso, logo existo” e “Eu sou, eu existo” é que Descartes quis tirar a impressão que a primeira carregava de uma inferência lógica, pois sua constatação nada mais é do que intuitiva. Como um esclarecimento sobre o fato.

Tudo pode ser falso, as coisas podem não existir, mas toda vez que penso, eu sou alguma coisa. Assim se prova a primeira e a segunda verdade cartesiana. A primeira é que eu sou, eu existo. A segunda é que sou uma coisa que pensa. Se eu penso, eu sou uma coisa que pensa. Pensar é o atributo, e todo atributo requer uma substância. A substância é o “eu” e o atributo é o meu “pensamento”.

O fato de eu² duvidar - duvidar sendo um tipo de pensamento - já prova minha existência. O mesmo serve para o argumento do gênio maligno. O gênio maligno só pode me enganar se eu existir. Não haveria engano se eu não existisse.

Não há, pois, dúvida alguma de que sou, se ele me engana; e, por mais que me engane não poderá jamais fazer com que eu nada seja, enquanto eu pensar ser alguma coisa. De sorte que, após ter pensado bastante nisso e de ter examinado cuidadosamente todas as coisas, cumpre enfim concluir e ter por constante que esta

2 Utilizando a primeira pessoa do singular para, assim como René Descartes, atingirmos o pensamento da certeza da própria existência, para o início da cadeia de certezas. Por exemplo: “Eu penso, eu existo”; “Eu sou uma coisa que pensa”.



proposição, eu sou, eu existo é necessariamente verdadeira todas as vezes que a enuncio ou que a concebo em meu espírito. (DESCARTES, p.92, 1979).

O pensamento, a dúvida e o engano, são atributos meus, são atributos do “eu”. O pensamento não pode ser separado do eu. Quando eu deixo de pensar, eu deixo de existir: “Mas o que sou eu, portanto? Uma coisa que pensa. Que é uma coisa que pensa? É uma coisa que duvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina também e que sente” (DESCARTES, p.95, 1979).

Utilizando o argumento do sonho, podemos dizer que este sentir, expresso na citação, não passa de uma ilusão. Porém, se me parece que sinto, então, é penso sentir. O pensar continua sendo um atributo do “eu”, e o imaginar não deixa de ser um modo de pensar.

Ainda sobre a relação substância e atributo, Descartes apresenta o exemplo da cera. Este exemplo demonstrado na segunda meditação nos mostra, também, como não podemos confiar inteiramente nos sentidos. Os sentidos podem nos enganar, e devemos ser cautelosos com os conhecimentos oriundos daqueles que já nos enganaram uma vez.

Tomemos, por exemplo, este pedaço de cera que acaba de ser tirado da colmeia: ele não perdeu ainda a doçura do mel que continha, retém ainda algo do odor das flores de que foi recolhido; sua cor, sua figura, sua grandeza, são patentes; é duro, é frio, tocamos-lo e, se nele batermos, produzirá algum som. [...] Mas eis que, enquanto falo, é aproximado do fogo: o que nele restava de sabor exala-se, o odor se esvai, sua cor se modifica, sua figura se altera, sua grandeza aumenta, ele torna-se líquido, esquenta-se, mal o podemos tocar e, embora nele batamos, nenhuma som produzirá. A mesma cera permanece após essa modificação? Cumpra confessar que permanece: [...] O que é, pois, que se conhecia deste pedaço de cera com tanta distinção? Certamente não pode ser nada de tudo o que notei nela por intermédio dos sentidos, posto que todas as coisas que se apresentavam ao paladar, ao olfato, ou à visão, ou ao tato, ou à audição, encontram-se mudadas e, no entanto, a mesma cera permanece. (DESCARTES, p., 1979).

Sendo assim, o que permanece inalterado é a sua extensão. A cera não deixa de ocupar lugar no espaço, independente das formas que exerça. Não é pelos meus sentidos que conheço a substância cera, conheço pela minha razão, pelo meu espírito. Eu nada conheço se não compreender por meio do pensamento a essência da coisa.



Deus não é o autor de meus erros

Há pensamentos, que concebemos pelo nome de ideia que são como imagens, ou, representação das coisas. As ideias não podem ser falsas, quando consideramos por elas mesmas. Tanto uma cabra quanto uma quimera³ podem ser verdadeiras enquanto ideias. O cuidado que se deve ter é não pré-julgar a existências dessas ideias fora do pensamento.

Quanto a quarta certeza cartesiana, sobre a existência de Deus, Descartes utiliza do método da causalidade. Onde há tanta realidade na causa como em seu efeito: “Pelo nome de Deus entendo uma substância infinita, eterna, imutável, independente, onisciente, onipotente e pela qual eu próprio e todas as coisas que são foram criadas e produzidas” (DESCARTES, p. 107, 1979).

Sobre Deus ser uma substância infinita, Descartes considera que se temos uma ideia de infinito, sendo nós mesmos finitos, e que essa ideia só pode ter sido colocada em nós por um ser infinito, sendo assim, este ser do qual Descartes se refere só pode ser Deus. Com esta ideia de infinitude e perfeição vinda de Deus é que percebo o quanto possuo carências, sendo assim sou um ser finito e imperfeito. Por isso, acaba sendo necessário a existência de um Deus para suprir a própria ideia de perfeição.

Por mais que eu tenha em potencia a capacidade de sempre conhecer mais e aperfeiçoar meus saberes, buscando a perfeição, de modo algum me aproximarei da perfeição divina. Pois em Deus nada se encontra em potencia, tudo é efetivamente.

Outro ponto trabalhado por Descartes é o fato de Deus ser a sua origem. Primeiro o filósofo explica, na terceira meditação, que ele não poderia ser o autor dele próprio. Pois se assim fosse, ele não seria privado de nenhuma qualidade e seria, então, perfeito. Também, não posso ter minha origem em outros seres finitos, como por exemplo, meus pais. Minha causa não deve ter causas, deve ser infinito e perfeito.

Ao me criar, foi impressa em mim a ideia de Deus, como a marca de um operário em sua obra. Assim como a ideia de infinito e perfeição. Pelo fato de Deus possuir esta perfeição da qual Descartes fala, ele não poderia ser enganador, pois enganar seria uma falha que tornaria ele imperfeito.

Pode-se perguntar qual será o motivo dos meus erros, já que fui criado por um Deus perfeito que não deveria me dar tais imperfeições. Mas, devemos levar em consideração o fato de que não possuo a mesma perfeição que Deus possui, ou seja, sou um intermediário entre “Deus e o nada”. Desta forma, posso ter imperfeições.

3 Exemplo utilizado por Descartes na obra *Meditações*.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Deus não concedeu o erro como característica. O erro deriva de carências. Sendo que o poder que Deus me concedeu para distinguir, o falso do verdadeiro, não se encontra de forma infinita em mim, como se encontra no próprio Deus. Há, também, o argumento de que Deus pode sempre querer nosso melhor, porém nós não temos conhecimento disso, ou seja, o que nós consideramos um erro pode não ser, diante da visão de Deus.

Esta definição é um pouco parecida com a definição de arrependimento, que Descartes utiliza na sua obra *As Paixões da Alma* (1649). O arrependimento não é uma emoção ruim, pois significa que no presente momento temos noção de um erro do passado, e assim, não tornaremos a cometer o mesmo erro. Só foi possível ter noção de que era um erro adquirindo mais conhecimento. Então, o que pode nos parecer um erro, só pareça um erro por falta de conhecimento.

Há de se considerar, também, que devemos avaliar a obra de Deus como um todo e não em suas partes. Como um todo a obra de Deus pode ser perfeita, nós temos acesso apenas as suas partes e notamos nelas imperfeições. Tais imperfeições podem ser necessárias para a formação deste todo perfeito. Desta forma, inocentando Deus por não ter nos dado a perfeição de não errar.

Como criação de Deus somos compostos do poder de conhecer e do poder da vontade, ou seja, o entendimento e o livre arbítrio. Pelo entendimento, apenas concebo as ideias, e não posso nem negar nem assegurar nada.

Estes dois poderes que me são dados por Deus não podem ser considerados a fonte dos meus erros. A falha está na má administração desses poderes, pois a vontade se mostra muito mais ampla do que o entendimento, sendo assim posso escolher o falso pelo verdadeiro sem ter o entendimento claro e distinto. O filósofo quer nos mostrar que a vontade deve se limitar ao que o entendimento conhece clara e distintamente, e não agir sobre coisas consideradas ainda obscuras e confusas ao entendimento. Portanto, o erro pode provir de escolhas feitas em um campo onde não há conhecimento seguro, claro e distinto.

[...] pois a luz natural nos ensina que o conhecimento do entendimento deve sempre preceder a determinação da vontade. E é neste mau uso do livre arbítrio que se encontra a privação que constitui a forma do erro. (DESCARTES, p.120, 1979).

Desse modo, é em mim uma imperfeição dar juízos sem ter um conhecimento claro e distinto. Limitando minha vontade ao meu entendimento, as coisas que concebo clara e distintamente são verdadeiras, e não podem ter outro autor senão Deus. Pois, Deus, sendo soberanamente perfeito não deve ser autor de erros.



A existência de coisas corpóreas

Na meditação quinta a estratégia do filósofo, René Descartes, é analisar quais são suas ideias claras e distintas e separar das que ele considera ideias obscuras e falsas. Sendo que na quarta meditação ele identificou a causa dos seus erros, na quinta meditação ele consegue averiguar o que ele tem como verdadeiro.

Para Descartes, existem ideias que são claras e distintas, porém não é possível encontrar fora do meu pensamento. As verdades matemáticas são consideradas desta forma, ou seja, não encontramos um número cinco, ou um triângulo fora de nosso pensamento. O que encontramos são coisas que podem ser representadas por este número ou por esta forma geométrica, e, essas coisas nos são conhecidas por meio dos órgãos dos sentidos.

Assim como as verdades matemáticas são consideradas existentes, por serem ideias claras e distintas, Descartes prova mais uma vez a existência de Deus. A existência é uma característica de perfeição, Deus não pode ser perfeito se não existir. Portanto, a essência de Deus necessita de sua existência, como só podemos conceber uma montanha com a presença de um vale ⁴.

Este exemplo que Descartes utiliza, não pressupõe que deva existir o vale e a montanha, mas que a existência da montanha necessita da existência do vale. Quando se desenha uma montanha, terá uma parte mais alta e uma parte mais baixa, esta considerada o vale, que é preciso que exista para que possamos notar que há uma parte “alta”, ou seja, a montanha. Como Deus é uma ideia clara e distinta de um ser perfeito, não pode faltar à ele existência. Segundo Descartes, é impossível conceber um Deus sem existência.

E, posto que há um agora que existe, vejo claramente que é necessário que ele tenha existido anteriormente por toda a eternidade e que exista eternamente para o futuro. [...] porque conheço uma infinidade de outras coisas em Deus, das quais nada posso diminuir nem mudar. (DESCARTES, p.126, 1979).

Deus, além de ser perfeito e ser autor de minha existência, deve ser eterno. A ponto de manter a existência de suas criações. A existência de Deus que me possibilita conhecer verdadeiramente as outras coisas.

4 Exemplo utilizado por Descartes na meditação quinta.



Na meditação sexta, Descartes pretende resolver o que ainda ficou em aberto em sua obra. Uma das respostas que ele busca encontrar é referente a existência de coisas materiais. Primeiro, ele supõe que há possibilidade de existirem tais coisas materiais, por ter em mente a ideia clara e distinta de suas essências. E, Deus, é o autor das coisas que concebo com distinção.

Se imagino as coisas, há uma possibilidade delas existirem. Como já foi dito no início deste texto, Descartes acredita que mesmo as coisas que aparentemente não existem, por exemplo uma sereia, nada mais são do que a mistura de duas coisas existentes. No caso da sereia uma mistura de humano com peixe. Portanto, não há coisas completamente inventadas em minha mente, as ideias de coisas “inventadas” devem ser mistura de duas outras coisas, a princípio, existentes.

Enquanto a inteligência se dirige a si, considerando ideias que tem em si, a imaginação se dirige ao corpo, formando-se pelos dados que recebeu dos sentidos. Mesmo atribuindo as ideias da imaginação aos dados que recebeu dos sentidos, este argumento ainda não é considerado como prova da existência das coisas corpóreas, externas a mim.

Quando consideramos que este tipo de pensamento, o imaginar, tem como base os dados dos sentidos é necessário que eu sinta e que para tanto eu possua um corpo, que seja uma ligação entre os objetos externos e meu entendimento. Por meio do “sentir” Descartes busca uma prova da existência das coisas corpóreas. É neste meu corpo que sinto prazer e sinto dor.

Primeiramente [...] senti que possuía a cabeça, mãos, pés e todos os outros membros de que é composto este corpo que considerava como parte de mim mesmo ou, talvez, como o todo. Demais, senti que esse corpo estava colocado entre muitos outros, dos quais era capaz de receber diversas comodidades e incomodidades e advertia essas comodidades por um certo sentimento de prazer ou de voluptuosidade e essas incomodidades por um sentimento de dor. E, além desse prazer e dessa dor, sentia também em mim a fome, a sede e outros semelhantes apetites, como também certas inclinações corporais para a alegria, a tristeza, a cólera e outras paixões semelhantes; e, no exterior, além da extensão, das figuras, dos movimentos dos corpos, notava neles a dureza o calor e todas as outras qualidades que se revelavam ao tato. Demais, aí notava a luz, cores, odores, sabores e sons, cuja variedade me fornecia meios de distinguir o céu, a terra, o mar e geralmente todos os outros corpos uns dos outros. (DESCARTES, p. 131 e 132, 1979).

Há objetos que não correspondem com a minha vontade de senti-los, assim como minha vontade não pode sentir objetos que não estão presentes aos órgãos dos sentidos. As ideias oriundas dos órgãos dos sentidos são muito mais vivas e semelhantes às ideias que elas mesmo causavam.



Porém, vale lembrar a advertência de Descartes quanto ao mau uso desses dados dos órgãos dos sentidos. No início das meditações ele nos alerta que não devemos confiar naquilo que já nos enganou uma vez, e, os sentidos se mostravam enganosos. O filósofo, também, apresenta o exemplo da cera, que demonstra como não devemos confiar totalmente nos sentidos. Pois, antes de lançar a dúvida metódica Descartes acreditava que não havia nenhuma ideia em seu espírito que não tivesse antes passado pelos sentidos.

Descartes aponta para o fato dos sentidos terem sido enganosos no exemplo de uma torre observada a uma certa distância: “Pois observei muitas vezes que torres, que de longe se me afiguravam redondas, de perto pareciam-me quadradas”(DESCARTES, p. 133, 1979). Para solucionar este problema é necessário ter cautela com os dados que recebemos por meio dos órgãos dos sentidos e nos assegurar que estamos em condições para fazer tais julgamentos. Portanto, não devo julgar a forma do prédio estando longe dele, com barreiras que atrapalhem a minha visão. Seguindo este conselho podemos fazer bom uso dos sentidos, não correndo o risco de sofrer com enganos.

Noto estar unido a um corpo quando tenho a sensação de prazer e dor, e percebendo que essas sensações pertenciam ao meu corpo e não a outro. As sensações que se dão no corpo e que são entendidas pela alma. Deste modo, podemos dizer que Descartes distingue corpo e alma, inclusive dá a alma o poder de ser e existir sem o corpo. De qualquer modo, corpo e alma para Descartes são como um todo. Duas substâncias que se encontram misturadas.

[...] encontro em mim faculdades de pensar totalmente particulares e distintas de mim, as faculdades de imaginar e de sentir, sem as quais posso de fato conceber-me clara e distintamente por inteiro, mas que não podem ser concebidas sem mim, isto é, sem uma substância inteligente à qual estejam ligadas.(DESCARTES, p.134, 1979).

Sendo assim, podemos perceber que por mais que o corpo sinta, é preciso que a alma faça o trabalho de representação desta sensação, de formar e produzir essas ideias. Desta forma, podemos dizer, também, que é provado a existência das coisas corpóreas. Pois se sinto os objetos, de alguma maneira eles me afetam fisicamente e esta sensação faz com que minha alma conceba uma ideia a respeito, provando, então, que existem coisas corpóreas.

Pois, não me tendo dado nenhuma faculdade para conhecer que isto seja assim, mas ao contrário, uma fortíssima inclinação para crer que elas me são enviadas pelas coisas corporais ou partem destas, não vejo como se poderia desculpá-lo de embaixamento se, com efeito, essas ideias partissem de outras causas que não



coisas corpóreas, ou fossem por elas produzidas. E, portanto, é preciso confessar que há coisas corpóreas que existem. (DESCARTES, p.135, 1979).

De qualquer modo, Descartes não deixa de nos advertir que talvez as coisas corpóreas não sejam como nós as percebemos pelos sentidos, pelos exemplos já citados anteriormente. Mesmo assim, das coisas que concebemos clara e distintamente e pelo fato de Deus não ser enganador e ter nos dado a possibilidade de conhecer, podemos considerar a existência das coisas corpóreas.

A relação corpo e alma

Na sexta meditação, Descartes se ocupa de explicar a relação corpo e alma. Esta relação, como já foi mencionada anteriormente, é importante para provar a existência das coisas corpóreas e externas ao pensamento. E, também, a décima segunda verdade, que possuo um corpo ao qual estou ligado.

[...] nada há que esta natureza me ensine mais expressamente, nem mais sensivelmente do que o fato de que tenho um corpo e está mal disposto quando sinto dor, que tem necessidade de comer ou de beber, quando nutro os sentimentos de fome ou de sede, etc. E, portanto, não devo, de modo algum duvidar que haja nisso alguma verdade. (DESCARTES, p. 136, 1979).

Por conceber por meio da intelecção o que é sentido pelo meu corpo, noto que corpo e alma estão ligados. Esta relação se dá de tal forma que poderíamos afirmar ser uma mistura entre essas duas substancias, corpo e alma, formando assim um único todo. Descartes utiliza, nas *Meditações*, o exemplo do piloto em seu navio para mostrar como se dá essa relação.

[...] não somente estou alojado em meu corpo, como um piloto em seu navio, mas que, além disso, lhe estou conjugado muito estreitamente e de tal modo confundido e misturado, que componho com ele um único todo. [...] como o piloto percebe pela vista se algo se rompe em seu navio; e quando meu corpo tem necessidade de beber ou comer, simplesmente perceberia isto mesmo, sem disso ser advertido por sentimentos confusos de fome e de sede. Pois, com efeito, todos esses sentimentos de fome, de sede, de dor, etc., nada são exceto maneiras confusas de pensar que provêm e dependem da união e como que da mistura entre o espírito e o corpo. (DESCARTES, p. 136, 1979).

Sendo assim, nós sentimos quando algo atinge nosso corpo devido esta união corpo e alma, não apenas podemos “ver” que nosso corpo foi afetado, mas de fato sentimos. Aliás, pelo fato do nosso corpo estar disposto a ser afetado, notamos que é preciso que existam outros corpos para que ele seja atingido⁵.

5 Como a já provada existência das coisas corpóreas.



Por mais unidos que sejam corpo e alma, Descartes se ocupa de distingui-los, atribuindo a cada substância características e funções. Enquanto podemos tomar o corpo como uma substância divisível, composto de várias partes, a alma pelo contrário é indivisível: “Pois, com efeito, quando considero meu espírito, isto é, eu mesmo na medida em que sou apenas uma coisa que pensa, não posso aí distinguir partes algumas, mas concebo como uma coisa única e inteira” (DESCARTES, p. 139, 1979). Outra distinção é o fato de concebermos as coisas claramente e distintamente pela alma, e, com obscuridade e confusão pelos órgãos dos sentidos que pertencem ao corpo.

O ponto principal do corpo ao qual a alma está relacionada é uma pequena glândula situada no cérebro, chamada de glândula pineal. Nesta glândula se dá as impressões sensoriais, e sensação oriunda das coisas só varia quando há variação na disposição dessa glândula.

A glândula pineal tem muita importância na explicação das impressões que temos das coisas externas, conhecidas pelos órgãos dos sentidos. Pois, nós possuímos dois olhos, dois ouvidos, e variados modos de captar as informações externas, precisaríamos então de um lugar onde estas informações pudessem se encontrar, formando a verdadeira imagem do objeto, este lugar seria a glândula pineal.

Por fim, Descartes se ocupa em resolver o argumento do sonho. Segundo o filósofo, conseguimos distinguir a vigília do sono, pela constância dos objetos e dos fatos. Enquanto na vigília as coisas tem uma continuidade, no sonho nos são apresentadas apenas partes de coisas ou situações.

O filósofo Descartes que conhecemos pelo senso comum muitas vezes é associado a primeira meditação. Sendo confundido com um cético por apresentar a dúvida hiperbólica. Porém, Descartes se apresenta muito mais na última meditação. Onde ele tenta preencher as lacunas abertas na primeira meditação, e nos mostra nossa finitude. As *Meditações* vem mostrar os limites do conhecimento humano, deixando de perguntar o que existe, para perguntar o que é possível conhecer. Como, de fato, é uma característica da época em que foi escrita, de uma passagem da ontologia a teoria do conhecimento.

Mas, como a necessidade dos afazeres nos obriga amiúde a nos determinar antes que tenhamos tido o lazer de examiná-las tão cuidadosamente, é preciso confessar que a vida do homem está sujeita a falhar muito frequentemente nas coisas particulares; e, enfim, é preciso reconhecer a imperfeição e a fraqueza de nossa natureza. (DESCARTES, p. 142, 1979).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Referências

DESCARTES, René. **As paixões da alma**. Coleção: Os pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultura, 1999.

_____. **Discurso do método**. Coleção: Os pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultura, 1999.

_____. **Meditações**. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultura, 1979.

FRANCIOTTI, Marco Antonio. **História da Filosofia III**. Florianópolis: Filosofia/EAD/UFSC, 2009.